

# A tradução de “A Woman is a Child”, um conto de Yvonne Vera<sup>1</sup>

Cibele de Guadalupe Sousa Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, apresentamos uma tradução comentada de um conto da escritora zimbabuense Yvonne Vera, cujas narrativas são reconhecidas pela articulação de temas tabus de sua sociedade por meio de uma prosa densamente poética. O conto focalizado, “A Woman Is a Child”, foi publicado originalmente na coletânea *Ficry Spirits: Canadian Writers of African Descent*, de 1995. Nele, acompanhamos os detalhes de uma rememoração da personagem Tariro, que propiciam a discussão do caráter sexista da sociedade em questão, flagrado, principalmente, na opressão e no silenciamento das personagens femininas, Tariro e sua mãe, pela personagem masculina, o pai de Tariro. Para a tradução, procuramos perceber como a temática discutida na trama foi articulada na textualidade do conto para embasar nossas opções tradutórias, selecionando os elementos que considerávamos mais significativos para serem privilegiados na tradução e outros, menos significativos, para serem adaptados.

Yvonne Vera é uma laureada escritora do Zimbábue, nascida em Bulawayo, em 1964. A carreira literária de Vera iniciou-se no Canadá, onde se casou, cursou graduação, mestrado e doutorado. Lá, escreveu a coletânea de contos *Why Don't You Carve Other Animals* (1992). Depois, vieram os romances *Nehanda* (1993) e *Without a Name* (1994). Após retornar a seu país, em 1995, publicou os romances *Under the Tongue* (1996), *Butterfly Burning* (1998) e *The Stone Virgins* (2002). A escritora

---

1 O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

2 Doutora em Letras e Linguística, com concentração em Estudos Literários, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. É Professora de Inglês da Rede Municipal de Educação de Goiânia, por concurso, desde 2008. E-mail: guadalupe.sousa@gmail.com

também tem publicações de teor crítico e de contos esparsos, como o que ora traduzimos, "A Woman Is a Child", publicado na coletânea *Fiery Spirits: Canadian Writers of African Descent*, de 1995. No Zimbábue, além de lecionar e escrever, Vera atuou como diretora da Galeria Nacional de Artes de Bulawayo. A autora faleceu prematuramente, no ano de 2005, no Canadá, de meningite relacionada à AIDS.

A escrita de Yvonne Vera é reconhecida e celebrada ao redor do mundo por articular temas considerados tabus em sua sociedade por meio de uma prosa densamente poética. Suas obras, escritas em inglês, contam com um considerável número de traduções para línguas diversas, como o alemão, o francês, o espanhol, o sueco, o grego e o ndebele. Em língua portuguesa, todavia, a escritora é ainda praticamente desconhecida. Apesar de menos escrutinada criticamente, em relação a seus romances, mais experimentais, a contística de Vera já exhibe um uso arrojado dos recursos estilísticos, como imagens, metáforas, repetições e ritmo, e dos elementos estruturais da narrativa, como narrador e ponto de vista, personagens, tempo e espaço, sem, no entanto, romper a linearidade narrativa.

No conto que nos propomos a traduzir, "A Woman Is a Child", acompanhamos, por meio do narrador onisciente neutro, a retrospectiva de uma memória escondida da personagem central, Tariro. Tariro e sua mãe conviveram por muitos anos com a opressão do pai da menina, que se ressentia por não ter tido um filho homem. Ainda jovem, a personagem enfrenta o pai com uma atitude desafiadora que preenche com silêncio sua boca antes tão cheia de ofensas para com a filha e a esposa. Após desafiar o pai, Tariro parte de sua terra natal em busca de uma reconciliação consigo mesma, passando cerca de vinte anos exilada em uma terra estranha e fria. Como principal tema da narrativa, destacamos a discussão do caráter sexista da sociedade abordada, expressado pela opressão e o silenciamento das personagens femininas pela personagem masculina. Todavia, a protagonista do conto é capaz de enfrentar e reverter a opressão sofrida, impingindo sobre o pai, que antes a silenciava, um silêncio socialmente imposto.

Para nossa tradução, procuramos, inicialmente, perceber como a temática discutida na trama está articulada na textualidade do conto. Assim, selecionamos elementos que consideramos mais significativos e que acreditávamos que deveriam ser privilegiados na tradução e outros que poderiam ser adaptados. Decidimos não alterar a estruturação do conto, mantendo a marcação do narrador onisciente neutro, preservando as anacronias construídas e a configuração do espaço e das personagens. Também nos preocupamos em respeitar traços do estilo da autora que trazem caráter poético a sua prosa. Assim, procuramos manter imagens, metáforas, frases fragmentadas e repetições vocabulares e sintáticas presentes no conto. Nos casos em que as repetições não puderam ser mantidas, nem parcial-

mente, buscamos compensá-las pela repetição de outro item vocabular na narrativa. Outra preocupação foi a de nos atermos em nossa escolha vocabular aos campos semânticos utilizados no original.

Como exemplo dos aspectos que procuramos manter na tradução, destacamos a oração “She has dug his tongue from his mouth and pulled it out like a wild and poisonous root”, em cuja tradução preservamos a imagem da língua/raiz venenosa e selvagem sendo cavada da boca do pai pela protagonista: “Ela cavou a língua de sua boca e a arrancou para fora como uma raiz selvagem e venenosa”. Para exemplificar a manutenção das metáforas, citamos aquela contida no título do conto e repetida durante a narrativa: “A woman is a child”, traduzida por “Uma mulher é uma criança”, que alude ao processo de sujeição via infantilização da mulher em uma sociedade patriarcal.

Já quanto às repetições vocabulares, ressaltamos que elas se relacionam tanto a termos mais abundantes como os pronomes “she” e “her”, com os quais a autora anuncia e reitera a presença da protagonista e que concorrem para o ritmo narrativo, como a termos chave da discussão temática do conto, como palavras ligadas à fala e ao silêncio, como “speak”, “talk” e “silence”, que corroboram a significação subjacente da narrativa (BERMAN, 2013). Outra repetição que destacamos é a do substantivo “kin”. Para sua tradução, para além de focalizarmos um correspondente que contivesse seu significado em suas duas ocorrências, optamos por um que pudesse reconstituir a repetição de sons na construção “Skin without kin”. Assim, optamos por verter “kin” por “semelhantes”, ao invés dos correspondentes diretos “família” ou “parentes”, e “skin” por “semelhança”, e não por “pele”.

Não obstante nossa tentativa de preservar as repetições do original, algumas delas foram parcialmente perdidas, como, por exemplo, a do prefixo “un” na oração “They are talked about now only to be unknown, to be unremembered, to be unspoken”, traduzida por “Elas são faladas agora só para serem desconhecidas, para serem deslembradas, para serem não ditas”. Apesar de perder fluência pelo uso do vocábulo pouco usual “deslembradas”, esta opção aponta para o traço experimental exibido por Vera em seus romances e mantém parcialmente, pois não logramos alterar o sentido de “não ditas” para “desditas”, a repetição prefixal na oração.

De maneira geral, procuramos, quando possível, compensar as perdas construindo novas repetições na tradução. Exemplo disso é a tradução de “shakes”, da oração “The darkness lies at her feet, slides cold down the window, shakes the branches, scatters the snow”, por “tremula”, em “A escuridão deita em seus pés,

desliza fria janela abaixo, tremula os galhos, espalha a neve”, e de “shaking”, em “Laughter touches her with shaking fingers”, por “trêmulos”, em “Riso a toca com dedos trêmulos”. Tal opção se soma a duas ocorrências do verbo “to tremble” no original, em “She trembles to lie under such sodden ground” e “His lips tremble”, traduzidos, respectivamente, por “Ela treme por deitar sob um chão tão encharcado” e “Os lábios tremem”. Também foi a tentativa de compensar perdas no processo de tradução que nos motivou a construir aliterações, escolhendo vocábulos de som semelhante para a tradução, como em “Bark peels like an unkind memory” traduzido por “A casca descasca como uma memória rude”.

Destacamos ainda a manutenção de opções vocabulares ligadas ao campo semântico de vestimentas, como “draped” / “drapeados” e “designs” / “modelos”, assim como de termos ligados ao campo semântico da morte, como “darkness” / “escuridão”, “shadow” / “sombra”, “killed” / “assassinado” e “dead” / “morto”, e ao campo semântico da loucura, como “madness” / “loucura” e “lunacy” / “aluamento”. Em outros casos a opção vocabular visou a preservar e construir consonância com o projeto literário da autora de visibilizar narrativas femininas. Exemplo disso é o vocábulo “unbending” que traduzimos como “invergável”. Apesar de acreditar que “inflexível” seria uma opção mais fluente para a tradução, consideramos que tal opção traria uma associação negativa da personagem feminina à intransigência, à teimosia. Com a opção por “invergável” logramos ressaltar a característica da personagem de não se submeter, não se dobrar. Ainda quanto às opções vocabulares, ressaltamos que mantivemos propositalmente alguns itens pouco usuais em português, mas característicos ou da cultura representada ou da própria obra da escritora, como “swallowed” / “engoliu” em “What the eye has swallowed cannot be taken away” e em “I have swallowed parts of her body which a father does not know a daughter possesses, which a father forgets in his daughter”, traduzidos por “O que o olho engoliu não pode ser tirado dele” e por “Eu engoli partes de seu corpo que um pai não sabe que uma filha possui, que um pai esquece em sua filha”.

Por fim, optamos pela adaptação do original em alguns pontos da tradução. Este foi o caso da tradução de “teeth” por “queixo” na oração “She remembers his astonished face, his teeth falling to the ground”, que, retomando uma expressão de surpresa da cultura de chegada, “queixo caído”, foi traduzido por “Ela se lembra de seu rosto atônito, seu queixo caindo no chão”. Os tempos verbais empregados no conto também foram, em geral, adaptados ao uso mais apropriado na língua meta, ainda que isso afetasse os sistematismos do original (BERMAN, 2013). Um ponto relevante do conto são os trechos com discurso direto, marcados por separação silábica e formatação diferenciada. Para tais trechos, decidimos nos manter

o mais próximo possível do original, sem buscar um trabalho de correspondência de efeito ou de adaptação à normatização da língua portuguesa. De modo geral, a tipografia do original foi mantida, assim como as opções para palavras iniciadas por letras maiúsculas no título e no transcorrer da narrativa.

### Uma Mulher É uma Criança

*Queria que ela tivesse apodrecido em meu ventre.*

Ela falou mais do que é permitido à boca falar. Falou o que não pode ser carregado na boca com sabedoria. Ela pegou suas palavras, pois o desafiou com aquilo que ele não podia falar sem loucura. Mesmo alguém possuído por um espírito maligno não podia fazer o que ela fez. Os que se foram levantaram os braços para o sol. Um pai não pode falar a seus semelhantes, sem envergonhar-se, da nudez de uma filha.

Não há uma língua para conter este feito. Só o que ela destruiu é sabido. Só se podia falar sobre as coisas que existiam antes. Elas são faladas agora só para serem desconhecidas, para serem deslembradas, para serem não ditas. Ela cavou a língua de sua boca e a arrancou para fora como uma raiz selvagem e venenosa. O que ela falou, se pondo nua, em frente ao pai? Ela lhe mostrou seu corpo nu. Um desafio, um tabu.

Tariro não teme o que reivindicou como seu, nem sonhos nem solidão, nem mesmo a vida, apesar de terem lhe dito que devia certamente ser temida, e que não devia ser pensada demais ou muito de perto. Mas ela sempre está próxima do que reivindicou e ela reivindicou vida. Ela vive em aluamento íntimo consigo mesma. Ela matou o Pai, cegando-o com a visão de seus seios nus, seus quadris arrogantes, seu umbigo exposto. Um gesto corajoso e desafiador, de sua própria sabedoria crescente. Ela matou o Pai. Ela se lembra de seu rosto atônito, seu queixo caindo no chão. Foi assim que ela o matou.

A casca descasca como uma memória rude. A neve deita ao longo dos galhos de uma bétula pontuda.

Ela pensa em chuva, coisas molhadas que não podem respirar. Um silêncio a reivindicava, e ela vive em seus disfarces.

Aqui, nesta nova terra, não há nada. Seguramente, ninguém viveu aqui. Pode alguém ser tão silencioso, tão sozinho, e ter vivido? Tariro não viu sua sombra pela metade dos vinte anos que passou aqui. Ela abriga aqueles anos passados como um segredo que disfarçou de uma memória.

Tariro olha através do vidro em gestos drapeados em modelos extravagantes, as mãos rígidas, as pernas rígidas, bolsas lançadas através de braços silenciosos, dedos apontando para o nada. Quem gostaria de ser tão absurdo – olhos vítreos e cegos? Olhos sem memória. Ser absurdo e então morrer, esta seria uma liberdade breve e desdenhosa. Riso a toca com dedos trêmulos. Ela viveu. Como alguém

pode duvidar disso quando se manteve tão diferente, tão separada, e quando estava tão preenchida com desejos inacabados?

Naquele tempo distante, cercada por sombras, fora quase inteira. Sua sombra a segue, crescendo de si mesma, preparando um caminho para o futuro. A sombra move-se com o sol, circulando-a, tornando-a dia. Quando vê sua sombra crescer de seus pés, ela sabe que ela viveu, proclamou sua presença na terra. Aqui, ela abandonou a esperança. Ela se lembra de suas ordens, de sua voz caindo de uma grande altura. Ela se lembra da Mãe.

Pegue sua palavra e deixe-o assistir você acomodá-la  
sob sua axila. Ele não deve ver você recusar sua  
palavra, minha criança. A vida é uma corte de gestos.

A escuridão deita em seus pés, desliza fria janela abaixo, tremula os galhos, espalha a neve.

Tariro vê a morte não como um esquecimento, mas com uma realização de desejo e um retorno aos começos. Mas ela não começou aqui. Ela treme por deitar sob um chão tão encharcado. Ela já se sente entupida com barro molhado. Em sua morte, ela deve ser preenchida com o sol.

Eu me casei com uma mulher seca, que não pode gerar  
filhos homens.

O Pai resmungava ordens que a fazem temer o mundo. Quando dorme, olhos a seguem e a punem com mãos cruéis. Ela dorme com as mãos entre as coxas. Suas palavras seguem-na em seu sono.

Quem vai carregar meu nome? Minha linhagem vai para sempre  
partir desta terra? As crianças de uma filha  
são sangue de outros. Uma filha é um ínterim  
de imortalidade.

Ela não quer carregar nada para ele, nem mesmo um nome. Ele deve encontrar um filho para carregar tais coisas para ele, pois ela nunca o faria, nem mesmo se pudesse. Ela apanha uma lança que o pai mantém contra a parede e a levanta para o céu, apunhalando o ar. Ela abre os olhos: a terra está sob seus pés.

Ele ameaça a mãe com punhos nus.

Não se sente em um tamborete como um homem. Que homem vai casar-se com uma mulher como essa que se senta com as pernas

abertas? Uma mulher deve sentar-se em uma pele de cabra com os pés curvados sob seu peso. O ar passando através dos campos não deve encontrar seu caminho para a escuridão entre suas pernas. Uma mulher que se senta como um homem nunca encontrará a atenção de um pretendente.

Uma menina nasceu. Suas palavras tornam-se pedras.

Ajoelhe-se no chão quando saudar um homem. Um homem não é uma coisa para uma mulher saudar com seus pés firmemente plantados no chão. Uma boa mulher bate suas mãos curvadas oferecendo ecos que celebram a presença de um homem na terra. Ajoelhe-se no chão para dar louvor a um homem. Um homem não irá carregar para sua casa uma mulher cujo corpo é tão invergável quanto um pilão. Não traga vergonha para a casa de seu pai ficando de pé e lançando sombra em um homem.

A voz de uma mulher deve ser como o som de suas mãos curvadas. Uma mulher não deve levantar sua voz para um homem. Uma mulher é uma criança.

Ela procura por um ato desafiador que irá se por contra as palavras dele. Ela se põe contra ele com seu corpo. Seu corpo é mais forte do que as ameaças e os tabus, maior do que o santuário que ele carrega na boca. Ela se lembra de sua raiva e espanto. Os lábios tremem. Os braços balançam sob ombros moles e cansados. Ele amarrota-se ao chão, procurando a sabedoria dos ancestrais.

Ela carrega a lança em sua mão. Ela está nua como a lança.

Ela reivindicou seu corpo como um escudo. Ele está silenciado. Ele não pode falar do que ela fez, pois não há ninguém para quem possa falar disso e sobreviver. Ele só pode falar dessa indignidade para si mesmo, sem palavras para acompanhar a fala. Suas palavras foram acabadas.

O que o olho engoliu não pode ser tirado dele. É assim com minha filha. Eu engoli partes de seu corpo que um pai não sabe que uma filha possui, que um pai esquece em sua filha. Minha filha me fez ver sua mãe nela. Isso não é uma coisa para ser falada.

Minha filha pôs minha masculinidade em um cesto. Minha filha tornou minha boca em um buraco na terra. Minha boca está preenchida com formigas. Minha boca está cheia de esquecimento. Ela cobriu minha boca com excremento. Minha filha morreu ontem.

Seus olhos estão silenciosos e mortos. Seus olhos perderam sua sabedoria.

A manhã a encontra liberta. Ela triunfou sobre suas palavras e agora pode começar uma reconciliação com seu corpo. Ela parte de sua terra ancestral em busca de uma memória que irá curá-la.

Em sua nova terra ela conjura sonhos para proteger seu triunfo secreto.

Palavras não são para esquecer. Ela aprendeu uma nova língua com a qual tenta esquecer sua perda, palavras que a libertariam. Ela reivindicou seu corpo. Ela se separou dele. Eles se separaram em um ritual de incredulidade.

Aqui, não há nada, só o chão úmido e o vento frio. Há muitas palavras para descrever as coisas daqui, mas nenhuma para descrever as coisas do silêncio, as coisas de ontem, as coisas de que Tariro se lembra.

Eu me movi de um silêncio para outro. Eu vi o sol se por sob a água.

Na distância, o horizonte é preenchido com água.

A língua de meu corpo é um estranho aqui. Semelhança sem semelhantes, eu estou cercada por línguas resistentes. Ontem eu falei. Nada irá me proteger aqui. Estar em silêncio, estar imóvel, invoca a morte.

Mas ela tinha morrido ontem.

### **A Woman Is a Child**

*I wish she had rotted in my womb.*

She has spoken more than the mouth is allowed to speak. She has spoken what cannot be carried in the mouth with wisdom. She has taken his words from him, for she has challenged him with that which he cannot speak of without madness. Even one possessed by an evil spirit cannot do the thing she has done. The de-

parted have raised their arms to the sun. A father cannot speak to his kin, without shame, of a daughter's nakedness.

There is no language to contain this deed. Only what she has destroyed is known. Only the things which existed before can be talked about. They are talked about now only to be unknown, to be unremembered, to be unspoken. She has dug his tongue from his mouth and pulled it out like a wild and poisonous root. What has she spoken, standing naked, in front of her father? She has shown him her naked body. A challenge, a taboo.

Tariro does not fear what she has claimed as her own, neither dreams nor loneliness, not even life, though she has been told that is certainly to be feared, and not to be thought about too much, or too closely. But she is always close to what she has claimed, and she has claimed life. She lives in intimate lunacy with herself. She has killed Father, blinded him with the sight of her naked breasts, her arrogant hips, her exposed navel. A bold gesture of defiance, of her own growing wisdom. She has killed Father. She remembers his astonished face, his teeth falling to the ground. That was how she killed him.

Bark peels like an unkind memory. The snow lies along branches of a jagged birch.

She thinks of rain, wet things which cannot breathe. A silence claims her, and she lives in its disguises.

Here, in this new land, there is nothing. Surely, one has not lived. Could one be so silent, so alone, and have lived? Tariro has not seen her shadow for half the twenty years she has spent here. She harbours those spent years like a secret which she has disguised into a memory.

Tariro looks through the glass at gestures draped in flamboyant designs, the hands stiff, the legs stiff, handbags cast across silent arms, fingers pointing at nothing at all. Who would like to be so absurd – eyes glassy and blind? Eyes without memory. To be absurd and then to die, that will be brief scorning freedom. Laughter touches her with shaking fingers. She has lived. How could one doubt that when one stood so different, so apart, and when one was so filled with unfinished desires?

That time long ago, surrounded by shadows, she had been almost whole. Her shadow follows her, growing from herself, preparing a path into the future. The shadow moves with the sun, circling her, turning her into day. When she sees her shadow grow from her feet she knows that she has lived, proclaimed her presence on the earth. Here, she has abandoned hope. She remembers his commands, his voice falling from a great height. She remembers Mother.

Take his word and let him watch you place it  
under your armpit. He must not see you refuse his  
word, my child. Life is a courtship of gestures.

The darkness lies at her feet, slides cold down the window, shakes the branches, scatters the snow.

Tariro sees death not as a forgetting but as a fulfillment of longing and a return to beginnings. But she had not begun here. She trembles to lie under such sodden ground. Already, she feels herself clogged with wet clay. In her dying, she must be filled with the sun.

I have married a barren woman, who cannot bear  
male children.

Father mutters commands that make her fearful of the world. When she sleeps, eyes follow her, and punish her with cruel hands. She sleeps with her hands between her thighs. His words follow her into sleep.

Who shall carry my name? Shall my kind forever  
depart from this earth? The children of a daughter  
are the blood of others. A daughter is an interim  
of immortality.

She does not want to carry anything for him, not even a name. He must find a son to carry such things for him, for she would never do it, even if she could. She picks up a spear that father keeps against the wall and raises it to the sky, stabbing the air. She opens her eyes: the earth is beneath her feet.

He threatens mother with bare fists.

Do not sit on a stool like a man. What man shall  
marry a woman such as this who sits with parted  
legs? A woman must sit on a goatskin with feet  
curled under her weight. The air passing through  
the fields must not find its way into the darkness  
between your legs. A woman who sits like a man  
will never find the attention of a suitor.

A girl is born. His words become stones.

Kneel on the ground when you greet a man. A  
man is not a thing for a woman to greet with her  
feet firmly planted on the ground. A good woman  
claps her cupped hands offering echoes which cel-  
ebrate a man's presence on earth. Kneel on the

ground to give praise to a man. A man will not carry into his home a woman whose body is as unbending as a pestle. Do not bring shame into your father's household by standing and casting shadow on a man.

The voice of a woman must be like the sound of her cupped hands. A woman must not raise her voice to a man. A woman is a child.

She seeks a defiant act that will stand against his words. She stands against him with her body. Her body is stronger than his threats and his taboos, greater than the shrine he carries in his mouth. She remembers his anger and dismay. His lips tremble. His arms dangle beneath limp and tired shoulders. He crumples to the ground, seeking wisdom from the departed.

She bears the spear in her hand. She is naked as the spear.

She has claimed her body like a shield. He is silenced. He cannot speak of the thing she has done, for there is none to whom he can speak it and survive. He can only speak this indignity to himself, without words to accompany his speaking. His words have been finished.

What the eye has swallowed cannot be taken away from it. It is so with my daughter. I have swallowed parts of her body which a father does not know a daughter possesses, which a father forgets in his daughter. My daughter has made me see her mother in her. This is not a thing to be talked about. My daughter has put my manhood in a basket. My daughter has turned my mouth into a hole in the earth. My mouth is filled with ants. My mouth is full of forgetting. She has covered my mouth with dung. My daughter died yesterday.

His eyes are silent and dead. His eyes have lost their wisdom.

The morning finds her freed. She has triumphed over his words, and now she can begin a reconciliation with her body. She departs from her ancestral ground in search of a memory that will heal her.

In her new land she conjures dreams to protect her secret triumph.

Words are not for forgetting. She has learned a new language with which she tries to forget her loss, words that would free her. She has claimed her body. She has become separate from him. They have parted in a ritual of disbelief.

Here, there is nothing, only the damp ground and the cold wind. There are many words to describe the things of here but none to describe the things of silence, the things of yesterday, the things Tariro remembers.

I have moved from one silence into another. I have seen the sun setting beneath water.

In the distance, the horizon is filled with water.

The language of my body is a stranger here. Skin without kin, I am surrounded by resistant tongues. Yesterday I spoke. Nothing will protect me here. To be silent, to be still, invokes death.

But she had died yesterday.

## Referências bibliográficas

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, tradução de Marie-Hélène C. Torres; Mauri Furlan; Andreia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

VERA, Yvonne. "A Woman Is a Child". In: BLACK, Ayanna. *Fiery Spirits: Canadian Writers of African Descent*. Toronto: HarperCollins Publishers, 1994. pp. 48-54.